

de um discurso de palanque o que se espera numa abordagem científica qualquer, demonstrando assim que não é necessário apenas uma "boa causa" para se fazer uma boa obra científica.

O livro naufraga nas vagas do reducionismo psicanalísante, da militância míope e no anacronismo.

É necessário mais algum rigor analítico para a autora nos convencer da sua utopia matricêntrica.

## PRODUZINDO NATUREZAS

*Francisco José Alves dos Santos\**  
*Maria Augusta Mundin Vargas\*\**

CARVALHO, Marcos de. *O que é natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1991, 85 p. (1.ª ed. Primeiros Passos, 243).

O livro em apreço é uma história das representações humanas sobre a natureza, desde antigos gregos até a atualidade. Destaca as modificações por que têm passado estas concepções e a ligação destas com as sociedades que as produziram. Divide-se em cinco pequenos capítulos. O primeiro, "Natural, sobrenatural, artificial" introduz a questão, problematizando a dicotomia (tranquila) do senso comum, natural/artificial, seres vivos/seres inanimados. Conclui o capítulo a enunciação do objetivo da pequena obra: "o exame das variações (...) nas formas de querer e de ver" a natureza (p. 16).

Iniciando sua viagem histórica, o autor, em "Natureza e sociedade: uma única história", rastreia as concepções sobre natureza, desde as sociedades primitivas até a moderna teoria da evolução das espécies. É o capítulo central da obra, o mais extenso. Mostra como cada sociedade produz concepções de natureza consoante com as suas necessidades, o seu perfil cultural e social.

Partindo das sociedades primitivas onde não há lugar para a distinção entre o mundo natural e o mundo social, mostra como na Grécia antiga postula-se, pela primeira vez na tradição ocidental,

a idéia de natureza enquanto alteridade: o social e o natural como realidades distintas, separadas. Análise com na Antigüidade fixa-se a idéia de natureza como "tudo aquilo que não for produto do homem" (p. 35). Com figuras como Aristóteles (384-322 aC) e como Cláudio Ptolomeu constitui-se a idéia de natureza "orgânica, imutável, movida eternamente a partir de causas e fins predeterminados" (p. 37). O fim da Antigüidade e a emergência da Idade Média, segundo o autor, não significou uma ruptura com a concepção antiga de natureza. O fim do feudalismo, entretanto, irá provocar o surgimento de uma nova imagem da natureza. A dessacralização do mundo e o surgimento do conhecimento científico irão fixar a noção de natureza enquanto máquina em substituição à visão da natureza-mãe. Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Kepler (1571-1630), Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650) e Newton (1642-1727) inauguram a visão de natureza com máquina em resposta ao novo mundo mental e material surgido com a crise do feudalismo e a emergência do capitalismo. Encerra o capítulo a análise do surgimento de uma nova cosmovisão: a "natureza evolutiva". De máquina que se repete ao infinito a natureza passada a ser pensada como algo que evolui, que se transforma constantemente. Segundo o autor, esta nova abordagem coaduna-se perfeitamente às idéias liberais vigentes na época pois os modelos de natureza são sempre frutos

\*FRANCISCO JOSÉ ALVES DOS SANTOS é Mestre em Antropologia (UNB) e Professor do DFH da UFS.

\*\*MARIA AUGUSTA MUNDIN VARGAS é Mestra em Geografia (UFS) e Professora do DGE da UFS.

de "exigências científicas, ideológicas e sociais" (p. 55).

Um outro pequeno capítulo, "O mundo paralelo", discute a produção de modelos da natureza pelo homem. Mostra como a "não-natureza" dos primitivos, a "natureza orgânica" dos gregos, a "natureza sobrenatural" da Igreja e a "máquina inteligente" da atualidade são produções humanas, construções culturais datadas e situadas, e, portanto, **relativas**.

Na última estação da sua viagem investigadora, "Os enigmas atuais e a questão ambiental", o autor trata das mudanças sociais e intelectuais ocorridas no decorrer do século 20 e seus efeitos sobre as visões de natureza. A partir das descobertas (ou investigações?) de Einstein, Plank, Bahr e Heisenberg a natureza sofre mais uma formidável mudança, "a natureza não é composta por partículas materiais, no sentido de coisas sólidas e palpáveis, mas sim pelos 'resultados' das inter-relações entre diversos fatores, que por sua vez também resultam de outras inter-relações, e assim por diante. Segundo uma comparação esclarecedora de um famoso físico, 'não há dançarinos, somente dança'" (p. 72). A mais nova concepção de natureza, saída de física (quântica), traduz a concepção holística de universo. Avança, concomitante aos movimentos ecológicos das últimas décadas deste século.

Finalizando a obra, as "Indicações para leitura" apresentam uma vintena de obras onde o leitor iniciante poderá aprofundar a sua visão sobre o

tema. Inclui clássicos como **Ciência e Filosofia — a Idéia de natureza**, de R.G. Collingwood e **Do Mundo Fechado ao Universo Infinito**, do historiador da ciência Alexandre Koiré.

**O que é natureza** é uma pequena grande obra. Leitura obrigatória para todos aqueles que conservam a capacidade de ficarem perplexos diante do mundo, da mutação constante das coisas, da transitoriedade de tudo. O autor é convincente quando à sua tese central: cada sociedade produz a natureza que necessita. Obra de iniciação, consegue o seu objetivo: introduzir o leitor nos meandros do problema da natureza. Adotando uma perspectiva histórica, o autor desmistifica a visão essencialista "naturalista" da natureza. Introduce o meio natural no rol dos objetos históricos, no campo das construções humanas. É de se lamentar, no entanto, nas "Indicações para leitura" a ausência de Jérome Rossel **A anti-natureza**. (Rio de Janeiro: Espaço e Tempo 1989), obra fundamental sobre as implicações filosóficas da idéia de natureza e que, inclusive, traz ampla bibliografia comentada sobre o tema.

Depois da leitura do livro fica difícil cultivar a crença em verdades infalíveis sobre o mundo natural. Deixa-nos, em diversos níveis — da evolução do pensamento, da "ecologização" da sociedade, dos engajamentos políticos e ainda, das sensibilidade individuais — o convite à reflexão sobre a emergência de novas relações entre os homens e a natureza e entre os próprios homens.